

A HORA DO LOBISOMEM

STEPHEN KING

Ilustrações de Bernie Wrightson

TRADUÇÃO
Regiane Winarski



Copyright © 1983 by Stephen King
Copyright das ilustrações © Bernie Wrightson, 1983
Publicado mediante acordo com o autor através da The Lotts Agency.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original
The Cycle of the Werewolf

Capa
Alceu Chiesorin Nunes

Imagem de capa
Enrique Alaez Perez/ Shutterstock

Imagem de quarta capa
Valentyna Chukhlybova/ Shutterstock

Preparação
Carolina Vaz

Revisão
Marina Nogueira
Luciana Baraldi

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

King, Stephen
A hora do lobisomem / Stephen King ; ilustrações
Bernie Wrightson ; tradução Regiane Winarski. –
1ª ed. – Rio de Janeiro : Suma de Letras, 2017.

Título original: The Cycle of the Werewolf.
ISBN 978-85-5651-040-2

1. Contos de terror – Literatura norte-americana
I. Wrightson, Bernie. II. Título.

17-04335

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura norte-americana 813

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19 – Sala 3001 – Cinelândia

20031-050 – Rio de Janeiro – RJ

Telefone: (21) 3993-7510

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/sumadeletrasbr

instagram.com/sumadeletras_br

twitter.com/Suma_BR

*Na escuridão fétida sob o celeiro, ele ergueu a cabeça peluda.
Os olhos amarelos e estúpidos brilharam. “Sinto fome”,
sussurrou.*

— HENRY ELLENDER

The Wolf

*Trinta dias tem setembro,
abril, junho e novembro,
vinte e oito ou vinte e nove terá um,
e todos os outros, trinta e um.
Chuva e neve e sol ardendo,
e a lua a cada mês vai crescendo.*

— RIMA INFANTIL

JANEIRO
FEVEREIRO
MARÇO
ABRIL
MAIO
JUNHO
JULHO
AGOSTO
SETEMBRO
OUTUBRO
NOVEMBRO
DEZEMBRO

JANEIRO



WRIGHTSON 1983



Em algum lugar lá no alto, a lua brilha, gorda e cheia — mas aqui, em Tarker's Mills, uma nevasca de inverno sufocou o céu com neve. O vento sopra com força pela deserta avenida Center; os limpadores de neve laranja da cidade já desistiram faz tempo.

Arnie Westrum, sinaleiro na Ferrovia GS&WM, ficou preso no pequeno barracão de ferramentas e sinalizadores a quinze quilômetros da cidade; com o carrinho ferroviário movido a gasolina bloqueado pela neve, ele está esperando que a tempestade passe, jogando paciência com um maço de cartas sujas. Do lado de fora, o vento piora até se transformar em um grito agudo. Westrum levanta a cabeça, inquieto, e olha para o jogo novamente. É só o vento, afinal...

Mas o vento não arranha portas... nem chora, pedindo para entrar.

Ele se levanta, um homem alto e magro de jaqueta de lã e macacão da ferrovia, um Camel pendurado no canto da boca, o rosto marcado da Nova Inglaterra iluminado em tons suaves de laranja pelo lampião de querosene pendurado na parede.

Ouve o arranhar de novo. *O cachorro de alguém*, ele pensa, *perdido e querendo entrar. É só isso...* Mas, mesmo assim, ele hesita. Seria desumano deixar o animal lá fora, no frio, ele pensa (não que esteja muito mais quente ali dentro; apesar do aquecedor a bateria, ele consegue ver seu hálito condensando), mas hesita mesmo assim. Uma pontada fria de medo o cutuca logo abaixo do coração. Foi uma temporada péssima em Tarker's Mills; houve presságios de coisas ruins na região. Arnie tem o sangue galês do pai correndo nas veias e não gosta daquela sensação.

Antes que ele possa decidir o que fazer sobre o visitante, o choramingo baixo se transforma em um rosnado. Um baque soa quando uma coisa



incrivelmente pesada bate na porta... recua... bate de novo. A porta treme na moldura, e um borrião de neve entra pelas frestas.

Arnie Westrum olha ao redor, procurando alguma coisa com que escorar a porta, mas, antes mesmo que consiga esticar a mão para a cadeira frágil em que estava sentado, a coisa que rosna atinge a porta de novo com força incrível, rachando-a de cima a baixo.

A porta fica no lugar por mais um momento, curvada em torno da linha vertical, e, enfiado nela, investindo e atacando, com o focinho franzido em um rosnado e olhos amarelos ardentes, está o maior lobo que Arnie já viu...

E os rosnados soam terrivelmente como palavras humanas.

A porta racha, geme, cede. Em um momento, a coisa vai entrar.

No canto, em meio a um amontoado de ferramentas, há uma picareta encostada à parede. Arnie pula na direção dela e a pega quando o lobo entra e se prepara para dar o bote, os olhos amarelos e brilhantes encarando o homem encurralado. As orelhas estão para trás, triângulos peludos. A língua está pendurada. Atrás dele, a neve entra pela porta partida no meio.

O lobo salta com um rosnado, e Arnie Westrum ataca com a picareta. Uma vez.

Lá fora, a luz débil do lampião brilha oscilante na neve através da porta quebrada.

O vento sopra e uiva.

Os gritos começam.

Uma criatura chegou a Tarker's Mills, tão sorrateira quanto a lua cheia presidindo o céu noturno. É o Lobisomem, e não há mais motivo para o surgimento dele do que haveria para a chegada de um câncer ou de um psicótico com intenções assassinas ou de um tornado devastador. A hora dele é agora, o lugar dele é aqui, nesta pequena cidade do Maine, onde jantares de caridade na igreja são um evento semanal, onde garotinhos e garotinhas ainda levam maçãs para as professoras, onde as Excursões na Natureza do Clube dos Cidadãos Idosos são religiosamente relatadas no jornal semanal. Semana que vem, haverá notícias de natureza mais sombria.

Lá fora, as pegadas da criatura são cobertas pela neve, e o uivo do vento parece selvagem de prazer. Não tem nada de Divino ou de Luz naquele som insensível; só há o inverno sombrio e o gelo escuro.

O ciclo do Lobisomem começou.

